

Assim, entender a influência da fruição das artes não é apenas abrir o palco de discussões sobre sua inserção nos contextos sociais, mas também crer na efetiva necessidade e importância que elas mantiveram e ainda mantêm nesses contextos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3ª edição, São Paulo, Duas Cidades, 1995

CASTRO, M. A. de. A Natureza do Fenômeno Literário. In: SAMUEL, R. (Org.). **Manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHARTIER, R. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo. Estação Liberdade, 1996.

DERING, R. “Pós modernidade e estudos de cultura industrial: reflexões acerca de conceitos

e ponto limítrofe”. **Revista Entrelaces**. v.4, n. 4. p. 156-168, Set. 2014.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, U. **Sobre literatura**. Editora Record, São Paulo, 2003.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 6ª edição. São Paulo, 1985.

MEYER, A. **Textos críticos**. São Paulo: Perspectiva/INL, 1986, pp. 8-9.

QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M. L. de. **Tantos anos: uma biografia**.

São Paulo, Arx, 2004.

WHITE, H. As ficções da representação factual. In: SANCHES, M. R. (Org.). **Deslocalizar a Europa**. Lisboa: Cotovia, 2005.

## EU ENSINO, TU ENSINAS, ELE ENSINA E NÓS APRENDEMOS: DIFERENCIAÇÃO DO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA (L1), SEGUNDA LÍNGUA (L2) E LÍNGUA ESTRANGEIRA (LE)

*Eduardo Dias da Silva<sup>1</sup>  
Yéris Gerardo Láscaz-Alarcón<sup>2</sup>*

#### RESUMO

Esta pesquisa qualitativa exploratória é concretizada neste artigo como uma contribuição sobre a diferenciação entre os termos língua materna (L1), segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE) quanto ao ensino de Português. Para os envolvidos no ensino de línguas – professores, aprendentes, produtores de materiais – entender a abordagem de como a língua é ensinada torna-se um aspecto importante tanto para o enfoque em sala de aula, como para a elaboração de materiais didáticos, métodos e técnicas quanto para a abordagem linguística, linguageira, cultural, intercultural, sociodiscursiva, entre outras. Compreendemos que a formação do professor, a abordagem utilizada em sala de aula de língua, os materiais, a avaliação e o método traduzem o processo de ensino e aprendizagem. E esse é o primeiro passo para que o ensino de línguas (L2 ou LE) inspire políticas promissoras de ensino de Português.

**Palavras-chave:** Ensino e aprendizagem. Ensino de Português. Métodos de ensino de línguas. Consciência linguística

## I TEACH, YOU TEACH, HE TEACHES AND WE LEARN: DIFFERENTIATION OF TEACHING PORTUGUESE AS NATIVE LANGUAGE (L1), SECOND LANGUAGE (L2) AND FOREIGN LANGUAGE (FL)

#### ABSTRACT

This exploratory qualitative research presented in this article as a contribution to the differentiation between the terms native language (L1), second language (L2) and foreign language (LE) in the Portuguese teaching. For those involved in language teaching - teachers, learners, materials producers - understand the approach of how the language is taught becomes an important aspect

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Educação Básica na SEEDF, Pesquisador do GECAL/CNPq e FORPROL/CNPq. [edu\\_france2004@yahoo.fr](mailto:edu_france2004@yahoo.fr)

<sup>2</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador do GECAL/CNPq. [profyeris@gmail.com](mailto:profyeris@gmail.com)

for both the focus in the classroom and for the development of teaching materials, methods and techniques as for linguistic approach, language mood, cultural, intercultural, socio discursive, among others aspects. We understand that the training of teachers, the approach used in language classroom, materials, assessment and method translate the process of teaching and learning and that is the first step to teaching languages (L2 or FL) inspire Portuguese teaching promising policies.

**Key words:** Teaching and learning. Portuguese teaching. Methods of teaching languages, Language awareness.

## INTRODUÇÃO

Apresentamos, nesta contribuição, um curto ensaio sobre a diferença entre os termos língua natural/materna (LN ou L1), segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE) quanto ao ensino de Português. Para os envolvidos no ensino de línguas – professores e aprendentes – entender as abordagens, métodos e técnicas de como as línguas são ensinadas tornaram-se aspectos importantes tanto para os enfoques em sala de aula, quanto para as elaborações de materiais didáticos e para o enfoque linguística, languageira, cultural, intercultural, sociodiscursiva, entre outras. Pois, reverberando, Silva (2016b),

Acreditamos que práticas baseadas em atividades diversas, priorizando a relação corporal, dando possibilidades aos aprendizes de expressarem suas emoções, opiniões, medos, expectativas e dificuldades em LE, podem auxiliar na aprendizagem e facilitar a expressão oral [...]. Sendo assim, uma abordagem que privilegia a totalidade do ser humano incluindo a motricidade, o afetivo, o emocional e o social (SILVA, 2016b, p. 136).

O ensino de L2 ou LE, atualmente, como uma das alternativas educacionais, pauta-se na

chamada Abordagem Comunicativa (AC), com ênfase no ensino sociocultural. A língua é ensinada não como um conjunto de frases, mas como um conjunto de eventos comunicativos, cujas funções expressam o propósito para o qual ela é usada, em diferentes graus de complexidade linguística e em diferentes níveis de formação. O desenvolvimento de uma competência comunicativa, como “saber como usar a língua para se comunicar”, pode ser tão ou mais importante do que as estruturas ou regras gramaticais.

O material usado nos ambientes escolares de línguas deve, na medida do possível, ser autêntico, isto é, devem ser usados textos escritos extraídos de jornais, revistas, catálogos, anúncios, cartazes, cardápios, além de textos orais extraídos de vídeos, entrevistas, áudios etc. Dessa forma, o aprendente tem contato com a língua em uso, nas diversas situações e graus de formação em que ele poderá interagir com outros falantes da língua-alvo.

Visando alcançar os objetivos propostos, foi feita uma pesquisa exploratória, com vistas a proporcionar maior familiaridade com as diferenciações do ensino do Português como língua materna (LM), segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE) dentro do ambiente acadêmico-escolar, proporcionando maior visibilidade à temática, pois, segundo Almeida

Filho (2011, p. 25), “os professores são movidos por motivações e marcados por atitudes ao se colocarem na profissão de ensinar língua(s) [...] [e] a qualidade de como vão ensinar pode ser explicada por sua abordagem de ensinar segundo as competências capacitadoras [...] combinadas entre si”.

Esse tipo de pesquisa foi adotado posto que, conforme Gil (1993, p. 46), “é o que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. A pesquisa exploratória “apresenta descrições fidedignas de uma situação, tentando descobrir as relações existentes entre seus elementos” (ALMEIDA, 1996, p. 105). Gil (1993, p. 45) esclarece que a pesquisa exploratória, na maioria dos casos, envolve um “levantamento bibliográfico [e] pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado”.

Com base nos procedimentos técnicos a serem utilizados, foi realizada, também, uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (1993, p. 48), “é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos”, ou seja, “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 23).

A pesquisa possui abordagem qualitativa, já que os dados colhidos são compostos, em sua grande maioria, por autores que trabalham com o tema em tela. A pesquisa qualitativa é baseada “na presença ou ausência de alguma qualidade ou característica, e também na classificação de tipos diferentes de dadas propriedades” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 126).

O tema tratado neste artigo é relevante porque abre as possibilidades de se pensar as diferenciações de ensino do Português que são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo crítico e da sociedade em geral.

Para atender essa demanda, é necessário que se trabalhem estas diferenciações de ensino do Português, proporcionando condições favoráveis ao desempenho intelectual e social crítico dos professores e dos aprendentes.

É importante considerar, também, as características do aprendente – dependente da sua situação diante da língua, se estrangeiro, se L1 ou se L2, ou envolvido em uma sociedade que não primeiramente é a sua, como é o caso dos surdos no Brasil, por exemplo – que são primordiais para a elaboração de um currículo adequado.

Optamos neste trabalho pelo uso do termo “aprendente” ao nos referir ao sujeito que aprende, pois consideramos a aprendizagem uma construção individual e interna, realizando-se num processo histórico, pessoal e social, dentro de um corpo investido de significação simbólica. Tendo as experiências, as relações e as percepções do mundo no qual foram inseridos serão significativas na construção do seu sistema cognitivo e afetivo e em seu desenvolvimento. O termo *currículo*, neste artigo, é compreendido como sendo um instrumento aberto, em que os conhecimentos dialogam entre si, buscando estimular a pesquisa, a inovação, a utilização de recursos e práticas pedagógicas mais criativas, flexíveis e humanizadas.

## L1, L2 E LE: COMO E QUAL ENSINAR?

A nossa história de colonização, emigração, imigração e de relações com outros povos e culturas criou, para a Língua Portuguesa, uma diversidade de situações de contextos e contatos de ensino-aprendizagem nos quais se têm resultados de produtos linguísticos, de grupos ou individuais diferentes entre si. Segundo Leria (1999), esses produtos são designados pelos

termos PL2 (português como segunda língua), PLE (português língua estrangeira) e PLM ou PL1 (português como língua materna ou primeira língua). Segundo Stern (1991),

É hoje consensual que se se quer estabelecer o contraste entre L2 e LE, o termo L2 deve ser aplicado para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não-nativa dentro de fronteiras territoriais em que ela tem uma função reconhecida; enquanto que o termo LE deve ser usado para classificar a aprendizagem e o uso em espaços onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico (STERN, 1991, p. 16).

A L2 é frequentemente a língua ou uma das línguas oficiais, no caso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como L1 dos surdos e português (PL2) na modalidade escrita quando nos referimos ao Brasil, por exemplo. Sendo assim, é indispensável para a participação na vida política e econômica do Estado, e é a língua ou uma das línguas do ambiente escolar. Buscando trazer luminosidade aos termos supracitados, vamos situá-los como oriundos de uma produção e condição de vida real em sociedade, vida na qual está inscrita em uma sociedade que, de acordo com Tavares (2010), é

caracterizada pela descontinuidade, por um processo permanente de rupturas e de novas configurações. Essas múltiplas configurações produzem divisões e antagonismos sociais que demandam que o sujeito ocupe diferentes posições e que sua identidade sofra contínuos ajustes e reformulações TAVARES, 2010, p. 34).

Importante mencionar que o ensino-aprendizagem de Português está inserido em

uma sociedade hoje cunhada de *modernidade líquida*, a qual, conforme Bauman (2001), é aquela em que alguns elementos são diluídos, deixando, simplesmente, de existir, sendo necessário recorrer a fragmentos, fatos e “cacos” da história para dar sentido à materialidade do ensinar línguas e à representação dos indivíduos pelos corpos na interação social mediada pela língua/linguagem.

A linguagem, enquanto discurso, não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento. Enquanto discurso, é interação e um modo de produção social; ela não é neutra e nem inocente, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Ela é, segundo Braga (1980, p. 72), o “sistema-suporte das representações ideológicas [...] é o “médium” social em que se articulam e defrontam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais”.

Como elemento de mediação necessária entre o indivíduo e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção.

Por conseguinte, a língua forma-se e transforma-se nas e pelas relações sociais de indivíduos em coletividade, o que pressupõe uma forma de sociabilidade para que a língua surja. Ela expressa, constitui e desenvolve-se nas realizações histórico-sociais e culturais, trazendo consigo, depois, a pluralidade das relações sociais da vida (CARVALHO BATISTA; LÁRCAR-ALARCÓN, 2012). A sociedade está organizada em padrões culturais, sendo essa

base cultural o que dá suporte à vida e à língua que a produz e a guarda em si mesma.

A língua revela um todo múltiplo em uma pluralidade de mundos ou espaços (CARVALHO BATISTA; LÁRCAR-ALARCÓN, 2012). Assim, ainda conforme esses autores, ensinar línguas - no caso específico o Português -, é ensinar o social, o humano, o político, o histórico, o geográfico e o econômico de um povo, compreendendo sua cultura, sua identidade, sua diversidade, contradições e desigualdade de gênero, classes, religiões etc.

Nesse contexto multifacetado e plural, as línguas constituem-(se) (em) espaços culturais, mantendo, neles, a vida. O Português é um destes espaços no mundo. Tida como a sexta maior língua do planeta em número de falantes e ainda em crescimento, segundo Guerreiro e Junior (2011), o Português é uma de quase oitenta línguas que se desenvolveram plenamente na era do letramento que se instaurou com a invenção da imprensa no século XV. Concebemos o letramento, neste estudo, como um conjunto de práticas de comunicação social relacionadas ao uso da escrita (SIGNORINI, 2001). Basta reconhecer que existem diferentes tecnologias de escrita para concluirmos que existem múltiplos letramentos, derivando a incontestável noção do letramento como um fenômeno intrincado, com vias de abordagem tão plurais.

Assumir que, quando lemos e escrevemos, estamos fazendo isso em um contexto específico, seja em L1, L2 ou LE, visando a atingir propósitos determinados implica entender, outrossim, que o letramento é um fenômeno situado e irremediavelmente inseparável das práticas sociais que lhe dão origem, cujos modos de funcionamento moldam as formas pelas quais os sujeitos que nelas se engajam

constroem relações de identidade e de poder, como elucidado por Kleiman (2003).

O espaço da lusofonia não é, contudo, exclusivo dos falantes naturais de Português. Qualquer membro de outros espaços de idiomas no planeta pode desejar circular pelo mundo em português. Pode circular como trânsito turístico ou de trabalho ou por escolha participativa a distância, adquirindo, inicialmente, competência comunicativa nessa cultura e língua.

Para isso, é normal solicitar os serviços profissionais de professores de Português com especializações nas modalidades de língua estrangeira (PLE) ou de segunda língua (PL2). O professor de Português, como LE ou L2, está incluído em uma categoria ampla que, inicialmente, quer dizer “ensinador” da Língua Portuguesa (LP), que pertence a outros espaços de língua e deseja conviver também no espaço da macro língua-cultura portuguesa.

Apesar da conjuntura teórico-metodológica, o processo de ensino de Português como LE e L2 está atrelado às práticas adotadas, remetendo para o tipo de desempenho e de conhecimento específico do profissional de línguas sobre o ensino de LE e de L2. Para seguirem se formando, aperfeiçoando-se, especializando-se, precisam se lançar em um processo formador com a reflexão, servindo de método capacitador, conscientizador e, eventualmente, transformador, pois a reflexão é parte singular de uma competência profissional em movimento (SILVA, 2014).

A formação do professor de Língua Portuguesa como LE e L2 precisa ser diferenciada da formação do professor de Língua Portuguesa como Língua Materna (PLM ou PL1), posto que ele não pode trabalhar em um contexto específico, ensinando o genérico de LM com

pressupostos inadequados que indicam, por exemplo, uma análise voltada para a escritura e a leitura de antemão prioritárias, para o léxico e regras gramaticais em frases de pouca contextualização, como é, frequentemente, praticado em sala de aula de LM, como elucidado por Carvalho Batista e Lascar-Alarcón (2012).

Ensinar Português como LE ou L2 é considerar as profundas diferenças de uma tarefa profissional facilitadora de compreensão do Português e das culturas associadas a esta língua entre aspirantes a usuários dela, que pertencem a outra língua e cultura, como os surdos. Ao professor de PLE ou PL2 cabe, portanto, reunir conhecimentos sobre a multiplicidade de usos deste idioma, bem como uma capacidade de uso fluente, sob uma sensibilidade específica para compreender o neófito na língua e guiá-lo mediante materiais e procedimentos próprios nesse ingresso complexo ao universo linguístico-cultural que compõe a lusofonia.

Passa-se, assim, a compreender que o uso da língua vem de uma competência comunicativa transformada da competência já instalada em outra língua e que depende da interação do *Eu* com outro luso-usuário. A sala de aula de Português como LE ou L2 precisa ser considerada, então, como um lugar de cuidadosa e compreensiva interação social e movimentação da Língua Portuguesa, reconhecendo limitações e estados afetivos muito singulares, que podem afetar o processo de aquisição e ensino dessa língua-alvo.

Voltando, então, a perspectiva para o ensino específico de Português, temos de diferenciar o ensino de LE e L2, contrastando-os com LM para ressaltarmos os distintos tratamentos de ensino que cada contexto necessita. Segundo Almeida Filho (2005) apud Carvalho Batista; Lásca-Alarcón (2012):

Uma L1 serve para a comunicação ampla desde a casa, passando para rua até a escola e os meios culturais. É a língua em que se constitui a identidade pessoal, regional, étnica e cultural de uma pessoa. Toda L1 se manifesta por meio de um dialeto (uma variante regional, muitas vezes, combinada com traços étnicos e de classe social). [...] Língua Estrangeira (LE) é uma outra língua e cultura a ela associada pela qual se desenvolve um interesse particular institucionalizado (escolar) em conhecê-la ou em aprender a usá-la. [...] Uma L2 é uma língua não-materna que se sobrepõe a outra(s) que não circula(m) socialmente em setores ou instituições ou que circula com restrições (nos contextos em que a L2 é requerida) (ALMEIDA FILHO, 2005 apud CARVALHO BATISTA; LÁRCAR-ALARCÓN, 2012 s. p.).

Ainda de acordo com esses autores, essas definições nos mostram algumas evidências iniciais de que podem ocorrer incongruências ou forçar ajustes no ensino de uma categoria em contexto incompatível. Por exemplo, há dificuldades se tentarmos ensinar PLE como L1. Ensinar PLE como L2, por sua vez, provoca mudanças nas materialidades de ensino que podem ser profícuas, contudo trazem novas demandas a professores e aprendentes. A formação do professor de L1 não pode, ao que sugerimos neste trabalho, ser a mesma para se trabalhar com LE e L2. Estes indícios parecem-nos fundamentais para assinalar as especificidades do ensino de português.

Segundo Almeida Filho (2005 p. 8), ensinar L1 não é como “ensinar uma língua a quem não a possui”. Uma aula de língua portuguesa não deve corresponder ao ensinar esta língua a quem

não sabe. Trata-se, melhor, de não ensinar a língua propriamente e, sim, de fazer o aprendente perceber-se enquanto cidadão na linguagem. Ensinar L1 é perceber as possibilidades da língua, facultando ao aprendente o acesso à variante padrão. Por outro lado, o ensino de LE começa diferentemente, como o tempo de aprendizagem do aprendente – tempo de análise, compreensão, reflexão e aprendizagem da língua – é diferente do tempo de um aprendente de português como L1.

Pois, para o aprendente de L1, o tempo é, supostamente, menor pelo simples fato de que este já possui a língua. Em contrapartida, já para aquele de LE, exige um tempo maior, eventualmente, para se significar, já que não possui a língua. Trata-se então de *desabrochar-se* aos poucos, com compreensões outras de língua e de situação do aprendente, uma língua a quem não a domina com competência de uso, possibilitando aos aprendentes de LE o desenvolvimento integrador deles nesta outra língua com sua(s) cultura(s) como elucidado por Carvalho-Batista e Lásca-Alarcón (2012).

Já ensinar L2 é poder facilitar a aquisição de uma língua familiar situada em uso ao redor, e que, embora não dominada em sua totalidade, serve logo para a comunicação em algumas esferas da vida. Não podemos cair na falácia da formação em L1 e querer ensinar L2 nos moldes de uma língua materna ou primeira, pois os aprendentes não conhecem o suficiente da língua 2 para usá-la com desenvoltura e nem se pode ensiná-la como LE como se fosse uma língua estranha e totalmente desconhecida, pois, “quando ensinamos uma segunda língua, estamos a facilitar compreensões (simultaneamente de conteúdos e do próprio sistema da língua-alvo)”, de acordo com Almeida Filho, 2005, p. 10.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de reflexão suscitado por este artigo sobre as especificidades do ensino do Português como L1/LM, L2 e LE foi de trazer à tona a questão da formação do professor em função dos poucos cursos de formação ofertados de Português como LE ou L2. Revelando o contraste entre ensino de português como L1/LM e L2, nossa intenção foi elucidar, pelo contraste, que o profissional de ensino de L1 conta com um conhecimento de uso da língua, mas não está, na maioria dos casos, preparado para lidar com os métodos e abordagem de ensino de L2 ou de LE.

Outro ponto nevrálgico dessa pesquisa tenhasido uma breve, porém consistente incursão sobre as características do ensino de Português como Segunda Língua (PL2), revelando-nos, também, que o PL2 perpassa o caleidoscópio cultural do Brasil, para que o aprendente compreenda o modo de construção desta língua no seu processo de ensino-aprendizagem. Isso retoma a perspectiva intercultural do ensino de línguas. Desta articulação resulta uma ênfase no ensino que se quer transformadora dos participantes em aprendentes comunicativos e culturalmente autônomos, de acordo com Silva (2016a).

Entendemos que a(s) formação(ões) do professor, a abordagem teórica utilizada no ambiente escolar para o ensino de línguas, os materiais e recursos, os tipos de avaliação e a metodologia traduzem o processo comunicativo de ensino-aprendizagem. E esse é o primeiro passo, de muitos que estão por vir, a fim de que o ensino de línguas e a formação dos profissionais da área inspirem políticas promissoras para o ensino de Português como L2 ou LE no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O Português como língua não-materna: Concepções e contexto de ensino**. Acervo digital do Museu da Língua Portuguesa. 2005. Disponível em : <[http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_4.pdf](http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf)> Acesso em : 06 de julho 2016.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de Abordagem e Formação no Ensino de PLE e de Outras Línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ALMEIDA, M. L. P. **Como elaborar monografias**. 4 ° ed. Belém: Cejup, 1996.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAGA, M. L. S. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1980.

CARVALHO BATISTA, M.; LÁRCAR-ALARCÓN, Y. G. Especificidades do ensino de PLE. In: **Revista SIPLE**. Brasília, ano 3, n. 1, maio 2012. Disponível em: <[http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=235:6-especificidades-do-ensino-de-ple&catid=64:edicao-4&Itemid=109](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=235:6-especificidades-do-ensino-de-ple&catid=64:edicao-4&Itemid=109)> Acesso em : 18 de junho 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 3ª ed., 1993.

GUERREIRO, C; JUNIOR, L. C. P. O valor do idioma: crescimento e valorização do português no mundo acompanham atual destaque econômico e cultural do Brasil. In: **Língua Portuguesa**, ano 6, nº 72, dezembro de 2011. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/72/o-valor-do-idioma-249210-1.asp>> acesso em: 25 de junho 2016.

KLEIMAN, A. B. Avaliando a compreensão: Letramento e discursividade nos testes de leitura. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003.

LEIRIA, I. Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino. In: **1º Congresso de Português Língua Não-Materna**, 21-23/outubro de 1999. Picoas, Portugal. Disponível In: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf>> Acesso em 19 de julho de 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada**. 3ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia para o professor pesquisador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

SIGNORINI, I. Construindo com a escrita “outras cenas de fala”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001.

SILVA, E. D. Professor reflexivo na apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem em língua estrangeira. In: **Revista Línguas e Letras**. v. 15 n. 31., p. 1-20. Cascavel, 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10226/818>> Acesso em: 18 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. O abre-alas que o corpo quer falar: ensinando e aprendendo língua estrangeira

mediada pelo corpo. **Revista Espaço Acadêmico**. v. 16. n. 187. p. 133-142, Maringá, 2016b. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico>> Acesso em: 20 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. Sequência didática para aquisição de português como segunda língua para estudantes surdos: uma proposta. **Entre Palavras**. v. 6. n. 1. Fortaleza, 2016a, p.168-181. Disponível em:<[www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/606/329](http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/606/329)> Acesso em: 30 set. 2016.

STERN, H. H. **Fundamental Concepts of language teaching**. 7º .ed.Hong Kong: Oxford University Press, 1991.

TAVARES, C. N. V. **Identidade itine(r)rante: o (des)contínuo (des)apropriar-se da posição de professor de língua estrangeira**. Tese de doutorado. 279f. Doutorado em Linguística Aplicada. IEL/Unicamp. Campinas-SP, 2010. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000770827&fd=y>> acesso em 18 jul., 2016.